



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



DICASTERIUM
PRO LAICIS, FAMILIA ET VITA

VAMOS COM O CORAÇÃO ARDENTE

Gabriella Gambino

Queridos,

com profunda alegria dirijo-me a vós depois destes quatro dias de reflexão, de escuta e de diálogo no Espírito. Vocês tiveram uma experiência interior *transformadora* em seus corações. Vocês se deixam moldar pelas mãos sábias do Senhor. Caminhastes pelo caminho de Emaús, não sozinhos, mas como esposos, de mãos dadas, acolhestes Jesus, que caminhou entre vós, no meio do vosso casal. Você se deixou levar e sentiu seu coração queimar. Reconhecestes Cristo na Mesa Eucarística e agora sentis-vos transbordar de alegria, de uma fé renovada, fruto da comunhão que experimentastes nestes dias. Vocês se tornaram mendigos, pegaram tudo o que puderam, recolheram pães e migalhas para encher o coração de Jesus, para nutrir o amor do casal e serem fecundos juntos.

Vá, portanto, a partir de hoje com o coração ardente! Ide e entregai os dons que recebestes, movidos no coração pelo ardor, pelo calor e pela força profunda que brota do vosso encontro pessoal e conjugal com Cristo Jesus.

Lembremo-nos que o ardor (*ardor-oris*) é um impulso, mas é também uma sensação de ardor que se sente na boca e que só pode ser satisfeita alimentando-se continuamente do Corpo de Cristo e do seu Sangue. É uma sede que tereis de saciar todos os dias, regressando à Eucaristia, fonte e ápice da nossa vida cristã.

Portanto, partindo daqui, da beleza deste ardor, gostaria de refletir com vocês sobre dois pontos, para entendermos juntos como mantê-lo vivo nos próximos anos e não deixar que se apague a chama que se acendeu em seus corações.

Primeiro ponto: o ardor cristão do nosso coração cresce e se reabastece cada vez que participamos da fração do Pão.

O ardor não permanece vivo com a força da vontade, nem com o esforço do raciocínio, nem com a memória. O coração arde enquanto *Cristo conversa conosco em intimidade*. E o lugar deste diálogo é a Eucaristia: ali reconhecemo-la e reencontramo-la sempre. Como crentes solteiros batizados e como cônjuges.



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



Nestes dias meditastes o mistério da Eucaristia: ela faz dos fiéis um só corpo. O padre jesuíta Henry de Lubac disse que “a Eucaristia faz a Igreja” (*“Eucharistia facit ecclesiam”*); “é o acontecimento que ajuda a Igreja a tornar-se ela mesma”, a tornar-se cada vez mais Igreja. Isto aplica-se ainda mais aos cônjuges e à família cristã, do que no n. 11, a *Lumen gentium* define a “Igreja doméstica”, aquilo que Santo Agostinho e São João Crisóstomo também chamaram de *minuscula ecclesia, na qual as relações familiares* contêm o dinamismo da vida eclesial maior.

Para compreender a profunda ligação entre o nosso ser famílias cristãs e a Eucaristia, alimento indispensável para continuar a arder o nosso coração, detenhamo-nos por um momento no significado da Igreja doméstica. O catecismo afirma que é “revelação e realização específica da comunhão eclesial”, imagem e participação do amor entre Cristo e a Igreja. Como tal, é capaz de manifestar a presença de Cristo no mundo - é sinal da sua presença - e da natureza genuína da Igreja», especifica *Gaudium et Spes* 48: é um sinal eficaz daquilo que a grande Igreja é, em virtude do amor entre homem e mulher assumido como sacramento (Jo 13,35). Cada uma das vossas famílias é uma comunidade com a missão de se tornar cada vez mais aquilo que é: uma *comunhão íntima de pessoas* capazes de se tornarem *comunhão fraterna* na Igreja. Ou seja, um modelo de comunhão e de relacionamento para toda a Igreja: o lugar onde o Evangelho se transmite e de onde o Evangelho irradia. Concretamente, o amor que os cônjuges vivenciam entre si molda a sua forma de se relacionar dentro e fora da família.

A sacramentalidade do vosso relacionamento é a sacramentalidade de toda a vossa existência conjugal. E transforma-se numa *sacramentalidade ministerial do amor*: a vossa vida é marcada pela vocação de *servir-te amando-te* e de *amar-te servindo-te*. E isso se expande ao seu redor.

O acontecimento que torna possível este devir da Igreja doméstica é precisamente a Eucaristia: quanto à *magna ecclesia*, o Corpo de Cristo é a fonte e o ápice da sua plenitude. Através da Eucaristia o casal recupera a consciência da sua vocação eclesial e recebe *a graça, alimentando-a sempre*, de ser Igreja doméstica. Jesus bate à porta das vossas famílias para partilhar convosco a Ceia Eucarística. Ele deseja estar no coração da sua pequena igreja doméstica. A aliança que o Senhor estabeleceu convosco exprimiu-se em forma nupcial: no dia do vosso casamento vivestes um autêntico Pentecostes, uma efusão do Espírito Santo que permanece, mas o amor precisa ser continuamente renovado e salvo.

Como disse São João Paulo II ao vosso Movimento em 1982: “A participação na Eucaristia permite aos cônjuges fazer das suas provações um caminho de comunhão, [...]” para acessar sempre a alegria: “*O casamento cristão é uma Páscoa*”.

No matrimónio e na Eucaristia revive-se e celebra-se a aliança entre Jesus e a sua pequena esposa, a Igreja doméstica: com a Eucaristia o amor dos esposos é habitado por Cristo, que se faz presente nos esposos e entre os esposos, e através deles estende-se aos filhos e depois a toda a família. O extraordinário entra no ordinário. Ele mostra o caminho e torna-o possível com a sua Graça. O amor é transfigurado, isto é, transformado na sua aparência e expressão. Assume uma nova forma, imbuída do Seu amor através do Espírito. Os esposos tornam-se assim *domus Domini*, casa de Cristo que vive com eles, bate e espera que abram o coração, para os apoiar com o ardor do seu amor.

A referência ao coração não é casual: assim como a pupila do olho é o ponto de contato entre os dois mundos - externo e interno do corpo - também existe um lugar misterioso no homem através do qual Deus entra na vida do homem e a transforma. Este lugar é *o coração*, que não é uma faculdade, como o intelecto ou a vontade, mas a integridade da pessoa, a colaboração de todas as faculdades, a disposição de todo o ser do indivíduo.



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



A partir do coração podemos amar a Deus com todas as nossas forças, com toda a nossa alma, com todo o nosso ser. Zélie Martin, mãe de Santa Teresa do Menino Jesus, escreveu que na Eucaristia se sentiu unida a Cristo como um “ramo da videira”. Foi o que a tornou sempre fecunda para com a família e os outros, livre de tristezas mesmo nos momentos mais difíceis de sofrimento e doença. Quando Louis, seu marido, recebia a Eucaristia, ficava horas ajoelhado e Teresa ficava extasiada diante desta imagem de seu pai, tanto que chegou a dizer que, em sua opinião, os anjos nos invejam pela felicidade de nutrir-nos com a Eucaristia.

“Não há nada de chocante se o sacramento do matrimônio compromete os cônjuges num caminho no qual encontrarão a cruz. Cruz dentro do casal, [...] pelo egoísmo de cada um, rejeição, fraqueza, decepções que pedem perdão, rompimentos.” Cristo pode nos salvar. Ele apoia-nos, na Eucaristia faz brilhar a nossa vocação à unidade, não à fragmentação e à solidão.

Você terá que sugerir isso às famílias em crise que irá acompanhar. Este é o fundamento da *pastoral do vínculo* de que fala o Papa Francisco em *Amoris laetitia*. Em Cristo a nossa vida pode voltar a ser fonte de luz, mesmo nas trevas do cansaço e da dor. «A Eucaristia - diz-nos o Papa Francisco - [...] é força para os fracos, para os pecadores. É o perdão, é o viático que nos ajuda a ir, a caminhar”. O pão é para quem tem fome, não para quem está farto. É o que nos torna *viajantes*, sempre em movimento. Sabemos bem por experiência que o casamento sem Cristo é uma questão humana que beira o impossível: o nosso frágil amor humano resiste muito pouco às dificuldades da vida de casal. Mas Jesus «vem ao encontro dos cônjuges cristãos no sacramento do matrimônio» e *permanece com eles*. O Espírito Santo transforma o casal a partir de dentro e torna-se presença viva na vida quotidiana.

É uma Aliança permanente entre Deus e os cônjuges, que expressa aquela fidelidade que nos lembra a *aliança de casamento*, na qual ressoa não só o nosso frágil amor mútuo, mas a extraordinária fidelidade de Deus para conosco. O anel não é um símbolo vazio, mas *res*, isto é, a realidade visível do invisível, do *virtus*, do poder e da força real (graça) que a presença de Cristo entre os cônjuges lhes dá todos os dias, que mantém os cônjuges unidos em seus destinos. Como ensina São Paulo, não devemos “fixar o olhar nas coisas visíveis, mas nas invisíveis” (2 Cor 4,18), que, continua Santo Ambrósio, podem ser contempladas, não compreendidas com a razão. Os mistérios não se compreendem com os olhos da carne e com o cérebro, mas com os olhos interiores do coração: por isso Santo Ambrósio sugere que para compreender os sacramentos, incluindo o matrimônio, não se deve abrir os olhos, mas fechá-los.

Portanto, na Eucaristia Cristo vem sempre para nos salvar. Ele entra em nossas histórias e as reorienta para o Pai. Assim, aos poucos, tudo fica mais claro, nosso olhar se eleva ao Céu e encontramos aqueles que amamos no desejo de perdão.

O sentido da vida familiar deduz-se, portanto, da Eucaristia, da medida em que conseguimos aumentar a presença de Cristo na nossa vida quotidiana. A premissa da nossa vida cristã, como cônjuges e famílias, é cristocêntrica: é Cristo quem nos define e não nós quem definimos Cristo. É Ele quem dá um sentido sacramental à nossa vida e não as situações concretas da nossa vida que determinam o sentido da graça.

Por isso, a participação frequente na Eucaristia é essencial para os cônjuges: ela “molda” o nosso amor a partir de dentro. Aprendamos a amar não só *como* Cristo amou, mas com o *próprio amor de Cristo*, porque o seu Espírito nos foi dado.

Ao tomar a iniciativa de ser “comido” por nós, Ele nos fecunda consigo mesmo. Assim o nosso coração continua a arder e as nossas ações na família e na Igreja maior tornam-se vivas *para Cristo, com*

Cristo e em Cristo. Direcionar o olhar e o coração para o único alimento, Cristo, do qual a Igreja deve alimentar-se é necessário para sabermos alimentar o seu Povo. Para descobrir como ir em missão!

Por isso a Eucaristia deve ser celebrada, mas também adorada. A palavra adorar vem do latim *ad-orare*, orar, dirigir-se a alguém. Mas orar vem de *os-oris*, boca. Adorar significa então estar diante do Senhor em silêncio, ouvindo a sua boca. Adorar não é, portanto, rezar falando, mas ouvindo, colocando-nos diante de Deus para ouvir a Sua Palavra, para *mergulhar no Pai* e chegar a “descansar na ternura dos seus braços”. Como explica o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*, a ternura de Deus por nós é o desejo de que cuidemos uns dos outros, é o *prazer* de Deus em dialogar conosco, a emoção do seu coração quando nos tornamos “fermento” do seu amor.

Na biografia do Santo Cura d' Ars conta-se a história de um agricultor, que não sabia ler nem escrever, que todos os dias, à mesma hora, entrava na Igreja, sentava-se no último banco e olhava para o Tabernáculo. São João Maria Vianney, curioso, um dia aproximou-se dele e perguntou o que ele fazia, todos os dias, naquele mesmo lugar, na mesma hora. O agricultor respondeu: “Nada, senhor pároco... eu olho para Ele e Ele olha para mim”. E ele voltou a olhar para o Tabernáculo. E Santa Teresa de Ávila escreveu: “Olha, Cristo só quer que fixemos o olhar nele”.

Para compreender este mistério de Deus que nos espera ansiando pelo nosso amor, uma antiga história judaica conta que um rabino tinha um neto. Um dia, brincando de esconde-esconde com outra criança, ele se escondeu, mas a outra se recusou a procurá-lo e foi embora. A criança, com os olhos cheios de lágrimas, correu até o avô, que, também entristecido, exclamou: “Deus diz a mesma coisa: eu me escondo, mas ninguém vem me procurar”. Deus é o Senhor, que em hebraico vem de *alam*, que significa esconder-se.

O objetivo da evangelização é, portanto, promover aquelas condições que possam despertar o desejo de Deus na vida das pessoas. Promover o apego do coração ao Pai naqueles que nos foram confiados. É o princípio “*cor ad cor loquitur*”: suscitar o desejo de estar de coração a coração com Deus. É um caminho que pode ser proposto a todo casal cristão.

Aqui estamos, portanto, no segundo ponto: a missão consiste em tornar o mundo permeável a Deus e à sua Graça. Podemos cumprir esta missão se mantivermos o coração aceso. Mas isto acontece se, antes de tudo, permanecermos permeáveis ao amor do Pai.

Há uma imagem muito bonita que transmite esta ideia, a do carvão e do diamante: duas realidades quimicamente idênticas, que pela sua estrutura molecular - uma que sufoca a luz, outra que a reflete - são tão diferentes. Somos como carvão quando trazemos a nós mesmos, nossas ideias, nossos planos, nossos raciocínios para os outros. Quando geramos divisões, alimentamos conflitos ou os deixamos estagnar. Mas podemos ser como diamantes se nos esvaziarmos para refletir o desejo de Jesus de transformar as nossas vidas familiares para lhes dar plenitude.

Para tornar cristão o mundo secularizado em que vivemos, não basta pregar Cristo, devemos *ser cristãos na vida*. Testemunhas concretas da alegria do Espírito recebida. Alexander Schmemmann escreve a este respeito: “O homem moderno é um adulto mortalmente sério, consciente do seu sofrimento [...] mas não da alegria; consciente do sexo, mas não do amor; consciente da ciência, mas não do “mistério”. Como ele sabe que não existe ‘céu’, ele não consegue entender a Oração do Pai Nosso.” O secularismo é uma tragédia, uma mentira sobre o mundo.



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



O cristão, por outro lado, é aquele que sabe que Cristo já “se encheu de todas as coisas”, que descobre Cristo em todos os lugares e se alegra, e esta alegria transforma os seus planos, as suas decisões, as suas ações, colocando-as nas suas mãos. E assim volta sempre a Ele. A *liturgia eucarística* torna possível a *liturgia da missão*. A Eucaristia é a entrada da Igreja na alegria de Deus. E isto é partilhado ajudando outras famílias a reconhecerem a presença de Deus nas suas vidas. Acompanhá-los, para que aprendam a *arte do discernimento*, que não é só dos especialistas, dos responsáveis pela pastoral familiar, mas é um modo de vida, um *estilo de vida cristão*. Cada família precisa aprender a viver com discernimento, nas pequenas e nas grandes decisões, aquela atitude interna - definiu o Papa Francisco - enraizada num *contínuo ato de fé*. É a arte de “escolher separando”. “Baseia-se na crença de que Deus está agindo na história do mundo, nos acontecimentos da vida, nas pessoas que encontro”. Esta crença pede-nos que aprendamos a pensar a realidade não segundo nós, mas *segundo Deus*.

O discernimento não diz respeito apenas a quem está em dificuldade, mas é um estilo de vida pessoal e só depois eclesial, por isso a Igreja é um Corpo no qual cada um de nós é membro deste corpo, onde conta e faz a diferença. Neste sentido, creio que é importante partir do anúncio da beleza do nosso ser cristãos, da consciência de que *pertencemos a Cristo* e que devemos «tomar a decisão de nos deixar encontrar por Ele».

A missão, portanto, é criar condições para que todos possam se colocar diante Dele de coração aberto, deixando que Ele também nos contemple! Tornar-nos transparentes a Ele. Assim se ativam *caminhos de conversão*. Assim, quem sofre vê com o olhar de Deus, que não anula o sofrimento, mas transforma o seu significado. Como é bonito reconhecer em nós mesmos o olhar de amor que Natanael descobriu no dia em que Jesus apareceu e lhe disse: “Eu te vi quando estavas debaixo da figueira” (Jo 1, 48). Como é doce estar diante de um crucifixo, [...] e simplesmente estar diante dos seus olhos! Quanto bem nos faz deixar que Ele toque novamente a nossa existência.”

Vamos ajudar outras famílias a descobrir esse presente. Não guarde para si, leve-o às paróquias, às comunidades. Façam-se *corações que sirvam*. O vosso carisma exalta o matrimônio como sacramento em missão! Portanto, exercite-o com alegria e compartilhe-o. Que não seja para vós um privilégio, mas uma *tarefa* testemunhar a beleza do matrimônio num tempo em que os jovens já não se casam. Como nos exorta a *Evangelii gaudium*, devemos acompanhar a humanidade nos processos, acompanhar as pessoas naquela revolução interior que só *Deus pode realizar*.

A fome das famílias, nos dias de hoje, é verdadeiramente uma fome espiritual de Cristo, uma necessidade de confiança, de conforto, de capacidade de se sentirem amadas e acolhidas com as próprias deficiências e fragilidades. E os desejos, especialmente os descontrolados, aqueles que hoje criam formas devastadoras de dependência das coisas do mundo, são na realidade um desejo de Deus, daquela saciedade que só sentir-se amado por Deus pode proporcionar. pessoas, sem sair daquele perigoso contraste entre as suas necessidades concretas, que tentamos remediar, e o transcendente, isto é, Cristo, que tudo renova e muda. Aliviar as necessidades humanas sem transmitir a graça do Espírito é apenas filantropia.

Na pastoral, portanto, a *formação das famílias* - que sabemos ser uma emergência - deve traduzir-se no acompanhamento para formar as mentes, as consciências, os corações e os comportamentos dos cônjuges e dos seus filhos num *estilo de vida verdadeiramente cristão*, devemos *familiarizá-los com Jesus*. Educando as famílias na consciência de serem *Igreja* significa formá-las naquele discernimento cristão de que as famílias hoje têm sede, especialmente em relação à necessidade de continuar a alimentar a sua relação conjugal e a educação dos seus filhos.

O casamento é um sacramento para a missão. Como batizados e casados, os cônjuges são chamados a viver como *profetas, reis e sacerdotes* enquanto cônjuges. Em outras palavras, recebemos uma *ministerialidade esponsal* que nos torna corresponsáveis pelo querigma. Um *ministério de vida familiar*, que cabe a nós, famílias, ajudar outras famílias a criar ministérios, igrejas domésticas. Mas a missão do anúncio não se concretiza por si só. É necessário *desejar transmitir o grande dom recebido*, desejar ser testemunhas da beleza do amor celebrado, porque no matrimônio se reflete o amor de Cristo pela sua Igreja.

Para cumprir a missão é necessária a paixão de um enamorado, diz o Papa na *Evangelii gaudium*: quem, então, senão um casal, pode ser eficaz em levar Cristo ao mundo?

Todas as famílias têm uma missão, mas na maioria dos casos não a sabem. Para conseguir isso, eles devem se conscientizar e a consciência se alcança tornando-se famílias *sólidas*. As novas gerações de esposos devem ser sensibilizadas para serem ministérios vivos, necessários para construir a Igreja. Formar famílias sólidas, capazes de aproveitar a Graça recebida, é essencial para ajudar a Igreja a formar um sacerdócio leigo robusto, consciente da sua própria dignidade e da corresponsabilidade eclesial.

Levantemo-nos, então, e vamos, com aquela alegria e aquela paz que são fruto da fé. Deus não nos sobrecarrega com fardos que não somos capazes de carregar. Ao pedir, ele oferece a ajuda necessária. Como escreve Santo Agostinho, quando Deus te pede mais, te exorta-o a fazer tudo o que puder, a pedir o que não pode, e ajuda-o para que possa.

Portanto vamos, confiando em Cristo, Ele nos acompanhará no caminho. Vamos agindo como se tudo dependesse de nós, mas sabendo que tudo dependerá Dele.

Convidem Jesus para os barcos das vossas vidas, para os vossos projetos pastorais, para as vossas reflexões com as famílias. Deixe a chama do seu coração inflamar aqueles ao seu redor. Que haja apenas um desejo em seus corações: tornar o mundo permeável à Graça, tornar, antes de tudo, você e seu casamento sempre permeáveis à Graça, mas - como disse Santo Inácio de Loyola - sempre em sentimento de comunhão com a Igreja, para que as vossas comunidades, olhando na mesma direção que a comunidade eclesial mais ampla, atuem com espírito de corresponsabilidade e de serviço entre as famílias e nas paróquias.

Mais do que nunca, hoje precisamos respirar comunhão e vê-la em ação. Em vista da Segunda Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, uma única pergunta clara foi colocada a todos nós: "Como ser uma Igreja sinodal em missão?" Como viver concretamente a comunhão, respeitando a unidade e a diversidade, para a plena participação de todos na missão?

Precisamos de comunidades cristãs que, tendo no centro do coração o Pão partido de Cristo, expressem a comunhão em gestos de acolhimento, de participação e no estilo de serviço: humilde, capaz de escuta, de ternura. Só as Igrejas domésticas que vivem a comunhão dentro de si podem ser objeto de uma evangelização eficaz.

Vá, portanto, com o coração ardente e boa missão!